



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Adormecimento psíquico e despertar do inconsciente na adolescência: uma aposta na palavra¹

Juliana Tassara Berni

Orcid: [0000-0003-0557-169X](https://orcid.org/0000-0003-0557-169X)

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

Pesquisadora do Laboratório Além da Tela: psicanálise e cultura digital da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

E-mail: jutassara@hotmail.com

Nádia Laguárdia de Lima

Orcid: [0000-0001-7949-0169](https://orcid.org/0000-0001-7949-0169)

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

Coordenadora do Laboratório Além da Tela: psicanálise e cultura digital da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

E-mail: nadia.laguardia@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre os efeitos do contexto da cultura digital para a adolescência. Abordamos a adolescência na teoria psicanalítica desde as concepções freudianas até as elaborações contemporâneas. Retomamos a infância como fase constitutiva do sujeito e suas implicações para a adolescência para destacar os impasses experienciados pelos adolescentes na cultura digital. Destacamos os conceitos de saber, Outro e objeto como articulatórios para a compreensão da adolescência na contemporaneidade. Consideramos que o estatuto do saber sofreu transformações decorrentes da aliança entre o capitalismo e a digitalização e que essas transformações trazem implicações para o laço social, configurando o que chamamos de adormecimento psíquico. Por fim, apontamos a conversação de orientação psicanalítica como uma possibilidade no enfrentamento dos desafios que a cultura digital apresenta.

Palavras-chave: Adormecimento psíquico; Adolescência; Cultura digital; Laço social; Conversação de orientação psicanalítica.

Le sommeil psychique et l'éveil de l'inconscient à l'adolescence : un pari sur la parole: Cet article présente une réflexion sur les effets du contexte de la culture numérique sur l'adolescence. Nous analysons l'adolescence dans la théorie psychanalytique à partir des conceptions freudiennes jusqu'aux élaborations contemporaines. Nous revenons sur l'enfance en tant que phase constitutive du sujet et ses implications pour l'adolescence afin de mettre en évidence les impasses vécues par les adolescents dans la culture numérique. Nous mettrons en évidence les concepts de connaissance, d'Autre et d'objet comme des articulations fondamentales pour la compréhension de l'adolescence à l'époque contemporaine. Nous considérons que le statut du savoir a subi des transformations résultant de l'alliance entre capitalisme et numérisation et que ces transformations ont des implications sur le lien social, configurant ce que nous appelons le sommeil psychique. Enfin, nous indiquons la conversation psychanalytique comme une possibilité pour faire face aux défis que présente la culture numérique.

Mots-clés: Sommeil psychique; Adolescence; Culture numérique; Lien social; Conversation psychanalytique.

Psychic numbness and awakening of the unconscious in adolescence: betting on the word: This article presents a reflection on the effects of digital culture on adolescence. We analyze adolescence in psychoanalytic theory from Freudian conceptions to contemporary elaborations. We return to childhood as a constitutive phase of the subject and its implications for adolescence in order to highlight the impasses experienced by adolescents in the digital culture. We highlight the concepts of knowledge, Other and object as articulations for the understanding of adolescence nowadays. We consider that the status of knowledge has undergone transformations resulting from the alliance between capitalism and digitalization and that these transformations have implications for the social bond, configuring what we call psychic numbness. Finally, we point out the psychoanalytic conversation as a possibility in facing the challenges that digital culture presents.

Keywords: Psychic numbness; Adolescence; Digital culture; Social bond; Psychoanalytic conversation.

Adormecimento psíquico e despertar do inconsciente na adolescência: uma aposta na palavra

Juliana Tassara Berni & Nádia Laguárdia de Lima

Introdução

A cultura digital vai muito além do que o mero uso de aparelhos tecnológicos digitais, ela abrange os efeitos sociais e psíquicos da entrada maciça desses recursos em nossa vida. Assim, a cultura digital pode ser concebida como “a complexa realidade que progressivamente vai substituindo as transformações tecnológicas atuais, cujos efeitos vão se ampliando reticularmente por todos os âmbitos de nossas vidas” (Tapias, 2006, p. 16).

Na sociedade pós-guerra, período também conhecido como “sociedade da informação”, o capitalismo enquanto discurso se alastrou “sobre praticamente todos os campos da ação humana, tornando-se hegemônico como sistema e como ideologia” (Nobre, 2020, p. 32). O advento da internet e a popularização dos computadores pessoais no fim do século passado promoveram uma revolução no campo social. Posteriormente, a chegada dos dispositivos portáteis e, especialmente, da *tecnologia multi-touch* trouxe uma gama de produtos até então inimaginável. As telas sensíveis ao toque já existiam, a grande novidade trazida pela *tecnologia multi-touch*, apresentada em 2007 com o primeiro Iphone, é que agora o sujeito usa seu próprio dedo como dispositivo apontador. O usuário, agora *ciborguizado*, usa o dedo para fazer escolhas e o desliza para procurar o que deseja.

Diante disso, consideramos que há uma associação entre o capitalismo e a digitalização que transforma o estatuto do saber levando a uma mutação no laço social. Tomando o saber como algo que move o sujeito em direção ao Outro, já que é algo a ser apreendido no Outro, destacamos que o avanço do capitalismo e o incremento da digitalização promoveram o desvelamento da inconsistência do Outro e o apagamento do saber em sua relação com o inconsciente, como um saber não-todo. O saber se transformou em mercadoria acessível à palma da mão, totalizante, sem a mediação do Outro.

Esse é o mundo em que crescem nossos meninos e meninas, um mundo no qual o discurso hegemônico é o capitalismo, em que o imperativo é o gozo e em que o saber está no bolso ao alcance do polegar. Os adolescentes, mais sozinhos do que nunca, se veem, então, hipnotizados pela tela do computador. Jogos eletrônicos, vídeos do YouTube, do Instagram e agora do TikTok se apresentam como objetos na promessa de tamponar o vazio, dando a ilusão de que são eles que gozam.

Lacan diz que esses objetos, esses *gadgets* criados pela ciência, são objetos *a* forjados. Ele cria, para se referir a eles, o neologismo *latusas*:

E quanto aos pequenos objetos *a* que vão encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que governa, pensem neles como *latusas*. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 153).

Mas essas *latusas* servem, na verdade, para ocultar, atrás das telas dos celulares, a falta. Os sujeitos são, desse modo, capturados num suposto circuito de desejo que pretende operar sem a falta, sem o enigma, sem que o circuito pulsional passe pelo Outro, fazendo com que o sujeito, anestesiado, seja absorvido pelo objeto. Essa anestesia é o que nos permite falar de adormecimento psíquico. Tomando o adolescente como sintoma social de uma época, tal como propõe Lesourd (2004), nos perguntamos sobre o que há de novo na adolescência na contemporaneidade, mas também o que é próprio da adolescência, ou seja, como o sujeito adolescente articula essa estrutura lógico-simbólica na cultura digital.

Escutando os adolescentes em grupos de conversação² em escolas e individualmente em consultório particular, percebemos como são afetados pelo contexto da cultura digital. Assim, abordaremos a adolescência a partir de três direções: o que se leva da infância; o que é estrutural e que permanece através das gerações; e o que a adolescência apresenta como novidade no contexto da cultura digital. Estaremos atentos, nesse percurso, às transformações no estatuto do saber e suas implicações no laço social, ou seja, nas articulações entre saber, Outro e objeto.

Desenlaces da infância

A adolescência, como ilustrou Freud, é uma travessia. E, nessa travessia, há muito o que ser deixado para trás. Nos perguntamos, aqui, não apenas sobre o que abandonamos, mas sobre o que levamos conosco na travessia para a vida adulta. A teoria do autoerotismo, apresentada por Freud em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1989c), é especialmente importante não apenas por apresentar a sexualidade organizada em fases, mas por sua organização se dar em função do objeto. Desde suas primeiras concepções sobre o aparelho psíquico, ainda no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1989a) e no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900/1989b), Freud apresenta um conceito de objeto que aponta para a impossibilidade do desejo. Ele parte da descoberta da satisfação vivida pelo bebê a partir dos cuidados que o outro materno exerce sobre seu corpo para falar da experiência de prazer vivida pelo bebê.

Essa primeira experiência de satisfação engendra o movimento de repetição que irá acompanhar o sujeito em sua infinita busca pelo objeto, desde sempre perdido. No entanto, tal experiência nunca será revivida de forma plena, e por isso o bebê alucina esses objetos de satisfação presentes na primeira experiência. Lacan também se debruça sobre o conceito de objeto em toda sua obra. A partir de uma releitura dessa postulação de Freud, Lacan apresenta, no *Seminário 7: a ética da psicanálise*, a experiência de satisfação como mítica, ou seja, como uma experiência que nunca existiu: "Mas esse objeto, em suma, nunca foi perdido, apesar de tratar-se essencialmente de reencontrá-lo" (Lacan, 1959-1960/2008, p. 74). Um ano antes, em seu *Seminário 6: o desejo e sua interpretação* (1958-1959/2016), Lacan lança mão da metáfora do burro indo em direção à cenoura, mas acrescenta que há um aspecto de anterioridade temporal do objeto: "talvez seja porque, como a cenoura do burro, ele está sempre diante do sujeito, produzindo sempre retroativamente os mesmos efeitos" (p. 102).

Na concepção lacaniana, o objeto nunca existiu, mas foi introduzido na experiência de satisfação retroativamente. O lugar do objeto não passa de um lugar vazio, habitado por nada. Por isso os objetos capazes de ocupar tal lugar para o sujeito desejante são infinitos, e infinita é a busca do sujeito pelo objeto perdido, estabelecendo, assim, a dinâmica da relação sujeito-objeto:

A primazia dessa dialética coloca, no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz com que o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado. É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não noutro ponto a que se procura (Lacan, 1956-1957/1995, p. 13).

É no *Seminário 10: a angústia* (1962-1963/2005) que o objeto *a* é designado como tal e passa a ter um lugar central na teoria psicanalítica de orientação lacaniana. Nesse seminário, Lacan coloca que o objeto é anterior ao sujeito. Ele se pergunta: "será que o objeto do desejo está *à frente*" (p. 114), como a cenoura estaria para o burro? E esclarece que o objeto "deve ser concebido como a causa do desejo. Para retomar minha metáfora da há pouco, o objeto está atrás do desejo" (p. 115).

Ele usa a expressão "suplente do sujeito" ao se referir ao objeto *a* para dizer que este precede o sujeito.

O sujeito mítico primitivo, postulado no início como tendo que se constituir no confronto significante, nós nunca o apreendemos, por razões óbvias, porque o *a* o precedeu, e é como marcado, ele próprio, por essa substituição primitiva que ele tem que reemergir secundariamente, para além de seu desaparecimento. (Lacan, 1962-1963/2005, p. 341).

Lacan aborda o objeto através da angústia do nascimento, momento em que ocorre, além da separação entre mãe e bebê, a separação entre o bebê e os envoltórios embrionários. É a esta segunda separação que Lacan atribui maior importância, apontando, a partir daí, as consequências para o campo do objeto (Costa-Moura & Costa-Moura, 2011).

A partir da primazia da ordem significante sobre o sujeito, Lacan retoma os objetos das pulsões parciais concebidos por Freud: o seio, as fezes e o falo. A esses objetos, ele acrescenta, no Seminário 10, o objeto olhar e a voz. Vale ressaltar que Freud já antecipava o objeto olhar, relacionando-o, inclusive, com o saber: "Do gozo visual ativo desenvolve-se mais tarde a sede de saber" (Freud, 1910/1989e, p. 41). Esses são objetos cedíveis ou separáveis, pois é como se estivessem agarrados ao corpo como apêndices. "A função do objeto cedível como pedaço separável veicula, primitivamente, algo da identidade do corpo, antecedendo ao próprio corpo quanto à constituição do sujeito" (Lacan, 1962-1963/2005, p. 341).

Lacan apresenta, no *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise* (1964/1985), as operações de causação do sujeito. Essas operações acontecem na infância e são constitutivas do sujeito. Desse processo, há o surgimento do inconsciente e daí se extraem os termos com os quais o sujeito vai operar ao longo da vida: o Outro, o objeto e o desejo, matriz do saber. Esse processo se conclui com a extração do objeto, na perda de gozo dela decorrente. Na adolescência, há uma atualização do processo de separação. O sujeito adolescente, diante do "encontro com o objeto sexual" (Freud, 1905/1989c, p.195), deve retornar a essa primeira separação, reeditando esse momento no qual se depara com a falta no Outro, agora com sua inconsistência desvelada.

Philippe Lacadée, em *Le malentendu de l'enfant* (2003), retoma a questão da vida sexual infantil e sua relação com o objeto. Ele afirma que o sujeito se constitui a partir das soluções que encontra para responder ao problema do saber, do gozo e do objeto *a*. Para ele, a forma como o sujeito constrói essa resposta está relacionada ao modo de presença através do qual esses três termos foram apresentados ao sujeito na infância.

O Outro, ele lembra, é o lugar do inconsciente, do saber inconsciente, e é a partir daí que se desenvolvem as teorias sexuais infantis. O gozo está inicialmente relacionado às satisfações autoeróticas, que se apresentam de forma inesperada no corpo da criança. Esse gozo ultrapassa o sujeito, uma vez que o sujeito não encontra nenhum significante capaz de simbolizá-lo. O objeto *a* designa o que o sujeito foi enquanto objeto do desejo do Outro, é a forma como o sujeito se aloja no significante da falta no Outro. Nessa perspectiva, destacamos a importância do Outro, instância através da qual se articulam saber, gozo e objeto.

Lacan (1969/2003a) afirma que a família exerce uma função imprescindível na constituição subjetiva, a de transmitir um "desejo que não seja anônimo" (p. 373). Ele destaca que os cuidados do Outro materno trazem a marca de um interesse individualizado e que o Nome-do-Pai é o vetor da encarnação da lei no desejo. A função do pai é a de impor um limite ao gozo da mãe. Assim, a função da família é a de promover um sujeito desejanste.

Lembremos que o que antecede a adolescência não é a fase do autoerotismo, mas o período de latência. Essa fase, para Freud, é uma espécie de intervalo no desenvolvimento psicosexual. Para ele, a escolha de objeto acontece em dois tempos, ou em "duas ondas", de modo que "a primeira delas começa entre os dois e os cinco anos e retrocede ou é detida pelo período de latência" (Freud, 1905/1989c, p. 189). Nesse período, não há uma interrupção da produção de excitação sexual, mas essa excitação não é utilizada para finalidades sexuais. Esse é um período em que as primeiras relações de amizade se solidificam e em que o sujeito se volta para o saber escolar. Ainda que a psicanálise não seja uma teoria desenvolvimentista, vale observar que é nesse tempo que se dá a entrada da criança na educação básica formal e que aquisições importantes, como, espera-se, a alfabetização, são conquistadas.

Na puberdade, então, o corpo de criança é transformado pela invasão de hormônios. As fantasias infantis são substituídas pelos medos e angústias em relação às mudanças no corpo, ao

encontro com o sexo e à busca por uma identidade sexual. Serge Lesourd, sobre a irrupção da puberdade, diz:

A descoberta do sujeito no tempo pubertário, e isso pela primeira vez, é que a posse fálica da promessa edipiana, do 'quando eu crescer', é um logro. Não há completude possível, não há realização plena do desejo, não há a verdadeira verdade, a organização genital infantil se revela caduca e desaba (Lesourd, 2004, p. 34).

Sabemos que a infância é, também, um tempo de conflitos, mas muitas vezes é vista com nostalgia pelos que já cresceram, como um tempo bom que não volta mais. A fantasia do adulto acerca da infância como uma fase de plenitude de satisfação se apoia nas fantasias infantis que dão consistência ao Outro, sustentando a promessa de completude via encontro com o objeto.

É possível perceber essa nostalgia acerca da infância nas conversações com adolescentes. Em um grupo de adolescentes de 12 e 13 anos, surge o tema das diferenças entre homens e mulheres. Eles estabelecem, a partir de um jogo com bola que chamam de "paredão", características que acreditam ser mais femininas, como "ser delicada", e masculinas, como "não saber perder". Essa discussão desliza para questões sobre sexualidade: o que faz uma mulher ser "puta" ou "vagabunda" e como as meninas são vistas e nomeadas nas redes sociais. Os termos vão ficando cada vez mais pesados e os tons mais agressivos, até que – não se sabe como, pois é assim que funciona a associação livre – surge uma lembrança de quando suas mães acompanhavam o momento que tomavam banho. Nessa lembrança, que todos compartilham com muita nostalgia, eles já tinham o hábito de tomar banho sozinhos, mas, esporadicamente, a mãe os supervisionava, prática que chamam de "faxinão". Todos, então, se voltam para falar dessa experiência: "Era bom demais", diz um. A outra completa: "Ela chegava com a bucha e esfregava sem dó", "Olha essa água preta que tá saindo, menino", completa o colega, imitando a mãe. E todos concordam que, apesar de reclamarem, sentiam saudades desse momento com a mãe.

Se a infância é marcada pelos cuidados maternos e pela autoridade dos pais, na adolescência, há um rompimento com esses ideais e uma busca por novas referências de identificação. O reconhecimento, que antes se dava sobretudo na família, agora tem seu alvo nos grupos de pares. Sozinho, o sujeito deve abandonar a infância e partir na travessia adolescente.

Sozinhos, mas não sem o Outro

No terceiro capítulo de *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, intitulado *Transformações da puberdade* (1905/1989c), Freud aborda esse momento da vida do sujeito a partir das transformações biológicas decorrentes da puberdade, mas ele inclui nelas, orientando-se por sua teoria da libido, as transformações psíquicas. Ele dá grande importância a esse momento da vida, chegando a dizer que "A normalidade da vida sexual só é assegurada pela exata convergência das duas correntes dirigidas ao

objeto sexual e à meta sexual: a de ternura e a sensual” (Freud, 1905/1989c, p. 195). Em seguida, ele apresenta sua bela metáfora da adolescência como “travessia de um túnel perfurado desde ambas as extremidades” (Freud, 1905/1989c, p. 195). No entanto, Freud deixa claro que essa travessia não é feita naturalmente pelo sujeito e que pode, inclusive, não ser concluída, pois depende de as duas correntes, a terna e a sensual, partindo de extremidades opostas do “túnel”, se encontrarem.

Esse é, para Freud, o grande desafio da adolescência. Nesse momento da vida, a puberdade invade o sujeito e o afeta de maneira definitiva no campo psíquico. A pulsão sexual, que era, até esse momento, autoerótica, agora precisa encontrar o objeto sexual. As pulsões sexuais, que na infância atuavam de forma independente e partiam de zonas erógenas distintas, agora estão subordinadas à zona genital e se conjugam em direção a um único objeto sexual. Freud enfatiza que não se trata de uma maturação orgânica, dizendo que “consuma-se no lado psíquico o encontro do objeto para o qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância” (Freud, 1905/1989c, p. 209). E acrescenta, ainda, que “O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (Freud, 1905/1989c, p. 209).

Concomitantemente a essa reorientação das pulsões, se dá uma passagem dos referenciais da família para um grupo social mais amplo. Nesse movimento, é preciso um desenlace da autoridade parental para que esses novos laços possam se estabelecer. Em *O romance familiar dos neuróticos* (1909/1989d), Freud descreve esse movimento de separação dizendo que é um dos mais necessários, mas também mais dolorosos para o desenvolvimento:

a criança acaba por descobrir gradualmente a categoria a que seus pais pertencem. Vem a conhecer outros pais e os compara com os seus, adquirindo assim o direito de pôr em dúvida as qualidades extraordinárias e incomparáveis que lhes atribuía. (p. 243).

Ele destaca a adolescência como momento importante para o avanço da sociedade, apontando que a oposição que se cria através do desligamento da autoridade dos pais, essa “atitude crítica” (p. 243), é também uma oposição entre a nova e a velha geração.

Em *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (1914/1989g), escrito por Freud em ocasião do aniversário de 50 anos do colégio em que estudou dos 9 aos 17 anos, ele retoma a questão do desligamento da autoridade dos pais, mas destacando a importância do ambiente escolar e da presença do professor nesse processo.

Na segunda metade da infância, dá-se uma mudança na relação do menino com o pai — mudança cuja importância não pode ser exagerada. De seu quarto de criança, o menino começa a vislumbrar o mundo exterior e não pode deixar de fazer descobertas que solapam a alta opinião original que tinha sobre o pai e que apressam o desligamento de seu primeiro ideal. Descobre que o pai não é o mais poderoso, sábio e rico dos seres; fica insatisfeito com ele, aprende a criticá-lo, a avaliar o seu lugar na sociedade; e então, em regra, faz com que ele

pague pesadamente pelo desapontamento que lhe causou. Tudo que há de admirável, e de indesejável na nova geração é determinado por esse desligamento do pai. (Freud, 1914/1989g, p. 288).

O professor aparece, aí, como um substituto do ideal paterno, tornando-se, em alguma medida, uma referência na qual o sujeito busca uma reinscrição simbólica: "É nessa fase do desenvolvimento de um jovem que ele entra em contato com os professores, de maneira que agora podemos entender a nossa relação com eles. Estes homens, nem todos pais na realidade, tornaram-se nossos pais substitutos" (Freud, 1914/1989g, p. 288).

A adolescência é, então, marcada por um intenso trabalho no campo psíquico; e aos jovens, como defende Freud (1910/1989f), "não se pode ser negado o direito de se demorarem" (p. 218). Nesse tempo lógico da vida, o sujeito deve se inserir de modo mais amplo na vida social, precisa se desligar da autoridade dos pais e consumir uma escolha de objeto.

Lacan, em *Prefácio a O despertar da primavera* (1974/2003d), retomou a ideia, que havia sido apresentada por Freud (1905/1989c), da adolescência como momento do reencontro com o objeto, quando o sujeito passa a mover-se pelas novas exigências inerentes às mudanças percebidas em seu próprio corpo. Em tal contexto, esse reencontro torna-se inadiável e o sujeito se depara com o próprio real do corpo, em que a sexualidade faz "furo no real" (Lacan, 1974/2003d, p. 558).

A partir dessa leitura da adolescência feita por Lacan, alguns psicanalistas irão apresentar a ideia de que a adolescência pode ser vista como um sintoma por ser uma resposta ao real que se apresenta no corpo, tendo a puberdade como conjuntura. Stevens (2004) aponta que a puberdade é o momento em que o sujeito é confrontado da forma mais crua possível com a constatação de uma impossibilidade estrutural a partir do encontro com o real do sexo. Se a puberdade é para todos, ou seja, as transformações no corpo e a maturação sexual acontecem, mesmo que com algumas variações, numa mesma época da vida, a adolescência é uma para cada um, pois cada sujeito encontra sua maneira de se haver com o impacto causado pelo encontro com o impossível da não relação sexual, proposição que Lacan inaugura em *O aturdo* (1972/2003b).

A adolescência seria, na concepção de Stevens, uma resposta única e particular, uma elaboração do sujeito, como ele explica: "o sujeito elabora um sintoma que vem, então, para ele, como uma resposta possível a esse impossível de circunscrever, que é a ausência da relação sexual" (Stevens, 2004, p. 30). É nesse sentido de elaboração, de resposta única e particular diante da universalidade da puberdade que a adolescência pode ser tomada como sintoma. A puberdade é, então, um dos momentos nos quais se revela a inexistência da relação sexual, enquanto a adolescência é a resposta sintomática possível diante dessa revelação.

Para Lacadée (2011), a grande dificuldade da adolescência advém do fato de o sujeito, diante do encontro com esse real, continuar se situando no discurso que até ali o estabelecia. Nesse sentido, atribui à adolescência a qualidade de ser "a mais delicada das transições" (Lacadée, 2011, p. 33). Nessa

travessia rumo à vida adulta o adolescente precisa, então, construir uma certa elaboração que lhe permita lançar-se na vida social a partir de outro lugar.

Lacadée nos adverte que o termo “transição” é um “procedimento retórico” (Lacadée, 2011, p. 33). Ele enfatiza que todos os termos usados em referência às transformações da adolescência são inadequados ou insuficientes, pois o que há é uma ruptura no tempo linear. Os elos causais que organizam os acontecimentos se desfazem, criando espaços vazios nos quais devem emergir ficções, e “tais ficções que o adolescente constrói para sair do túnel são também tentativas de traduzir em palavras o novo que o arrebenta” (Lacadée, 2011, p. 35).

Esse novo que “arrebenta” o sujeito adolescente, como Lacadée explicita, é o encontro com a inexistência do Outro. Esse encontro, o encontro com esse novo que ele vê surgir também em si, evoca um sentimento de estranheza, de um real insuportável, que pode levar a um sentimento de vergonha, desprezo ou ódio de si. Esse é o momento em que o sujeito se separa do significante-mestre ideal que até então o sustentava. Nesse movimento, o sujeito vai em busca de sua “verdadeira vida” e parte para construir para si uma vida fora da família. As tendências agressivas, as condutas de risco, o isolamento e os comportamentos depressivos podem fazer parte dessa travessia, que Lacadée define como um trabalho de tradução.

No entanto, como o adolescente pode realizar essa tradução, operando o desenlace com a autoridade parental e o estabelecimento de novos laços, se a relação com o Outro, na contemporaneidade, é marcada por uma crua exposição da sua inconsistência? O saber que antes era depositada nos adultos, agora pode ser acessada com uma simples visita à internet. Que saber é possível ser construído quando o desejo do Outro não opera como enigma e quando os objetos (de consumo) se oferecem a todo instante para tamponar o vazio?

Se, na infância, a criança crê na consistência do Outro, que organiza, orienta e ampara o sujeito, a adolescência é marcada pelo confronto com a inconsistência da instância alteritária. A queda dos ideais e dos referências simbólicos ordenadores da cultura que são característicos da adolescência acabam por empuxar o sujeito ao abandono, tornando necessário que ele próprio se ocupe de encontrar um sentido para sua vida. A adolescência é, então, o momento no qual o sujeito recebe a notícia de que o Outro não existe.

Travessia, sintoma ou tradução são termos que apontam para uma construção. A partir dessa novidade que é a inexistência do Outro, do encontro com o real do corpo que faz “furo no real”, com a constatação de que não há relação sexual, é preciso construir um saber fazer. A construção adolescente é, então, muito mais do que um atravessamento, mas uma articulação entre corpo e saber que recoloca o sujeito no laço social. A adolescência é, portanto, uma travessia que o sujeito deve fazer sozinho, mas sozinho não significa, propriamente, sem o Outro.

A adolescência na cultura digital

Como Freud já havia dito em *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (1914/1989g), na adolescência há o desligamento da autoridade dos pais, mas o referencial de alteridade, mesmo que já deixando sua inconsistência se entrever, permanece. Mas a *psicologia do escolar* de Freud já completou um século e de lá para cá a sociedade se transformou.

Se um afastamento da família pode ser necessário para concretizar o rompimento com a autoridade parental – e essa sempre foi uma queixa das famílias, ilustrada no estereótipo do adolescente fechado no quarto com fones de ouvido –, esse movimento, hoje, parece apresentar uma certa inversão. Por um lado, sim, eles vão em busca de seus pares e demarcam a diferença geracional e, sim, o isolamento é até mesmo uma marca da contemporaneidade, mas, por outro, eles padecem de um abandono por parte da família e não se queixam de serem vigiados, mas largados ou não escutados. Esse ponto é denunciado pelos próprios adolescentes e, ainda que com variações, nas diferentes classes sociais.

Em nosso trabalho nas escolas encontramos meninos que, sem rodeios, lamentam a ausência dos pais. Os adolescentes, de modo geral, não reclamam de se sentirem presos, de não poderem sair ou de os pais quererem vasculhar suas vidas, como já foi em tempos passados, mas de não serem escutados, de não receberem atenção dos pais; muito frequentemente, atribuem isso ao “vício” dos pais pelas tecnologias digitais. Num grupo de conversação com alunos de nono ano, um diz: “Eu já acostumei. Eu fico no computador e ela fica no telefone. Mas a gente convive”. Outro, Samuel³, fala rindo:

A minha mãe fala que está ocupada cuidando da minha irmã (bebê), mas na verdade ela está com o celular lá. Ela nem está vendo o que minha irmã está fazendo. A minha irmã pode afogar lá atrás no balde que ela nem vê.

Leandro conta: “Minha mãe é chata demais. Toda hora ela me chama e me pergunta: ‘como que faz isso aqui no celular?’ E o pior é que ela aprende num minuto”. O colega interpela: “Ué, você queria que ela demorasse pra aprender?”. E ele explica: “Claro. Eu queria que ela ficasse conversando comigo. Minha mãe nem conversa comigo direito”.

Os adolescentes que recebemos em conversação são meninos e meninas que cresceram com as tecnologias, junto a mães e pais que voltavam seu olhar não (ou, pelo menos, não apenas) para o trabalho, para os afazeres domésticos ou qualquer outra coisa que aponte para um desejo vivo, mas para a tela do celular. A mãe quase deixa a filha de um ano se afogar no balde porque “está com o celular”. E Samuel continua:

Na minha infância meus pais não sabiam o que era o telefone nem nada, e agora eles vivem por isso. Não tem mais aquilo de conversar, é tudo registrado em fotos. A vida da minha irmã que tem um ano é toda registrada em fotos. Não tem mais o diálogo que tinha antes, não tem

mais aquela relação de conversar, de boca. Eu me sinto sozinho porque agora, que eu tenho três irmãos mais novos, tudo é na base do telefone.

Com essa fantasia nostálgica de um tempo que talvez nunca tenha existido, ele denuncia o abandono em que se encontra e interroga o desejo do outro.

Esse panorama de abandono não é diferente nas escolas particulares. Carla, uma adolescente de 17 anos, encontrou análise sozinha. Procurou um psiquiatra no catálogo do convênio e, por indicação dele, chegou até a analista. Apesar de ser filha de médico, ela não consegue falar com os pais do próprio sofrimento. Aluna de uma escola renomada da cidade, acredita que os pais só se dirigem a ela para falar sobre notas e perspectivas para a universidade. Carla tem crises de ansiedade severa, choro compulsivo e, em alguns períodos, dificuldade em se alimentar. Ela atribui à escola um lugar muito importante em sua vida, estabeleceu uma boa relação com alguns professores e busca o reconhecimento deles quando se empenha nos estudos, o que faz com que seja ótima aluna, mas um sentimento de insegurança a acompanha e sempre acha que “não vai conseguir”.

Carla se queixa da ausência dos pais, reclama de eles não valorizarem seus problemas, não acreditarem que ela precisa de tratamento e só quererem saber de suas notas. Ela acredita que, em algum momento, “perdeu a conexão” com a mãe. Lembra de uma infância feliz e previne a irmã que é cinco anos mais nova:

Eu falo com minha irmã: “Fica de olho. Não deixa acontecer com você o que aconteceu comigo. Eu, agora, fico querendo a mamãe e não encontro ela.” Falo pra ela se aproximar da nossa mãe, conversar com ela, contar tudo pra ela, porque depois não tem mais jeito. Se ela não fizer isso agora, depois não vai mais achar espaço como eu não acho. E eu sinto muita falta, muita falta dela.

Lacan (1973/2003c, p. 531) afirma que “Mesmo que as lembranças da repressão familiar não fossem verdadeiras, seria preciso inventá-las, e não se deixa de fazê-lo”. Ele acrescenta que a perda de gozo é estrutural e que o “impasse sexual secreta as ficções que racionalizam a impossibilidade da qual provém” (p. 531), ou seja, essas ficções familiares são construídas em torno do furo no saber que é estrutural. A família, com todas as transformações que já sofreu, não deixa de ter, enquanto ficção, um papel fundamental para a constituição subjetiva: atuar na contenção de gozo, transmitir um desejo não anônimo e viabilizar o surgimento do desejo.

Para Lima, Berni e Lisita (2019), o uso excessivo dos aparelhos digitais contribui para uma maior indiferença entre pais e filhos. Isso ocorre, a princípio, em decorrência do objeto de gozo, que é comum a todos, mas também devido ao uso excessivo ao qual todos estão submetidos. O que vemos é uma inversão: se antes a família atuava na contenção do gozo, orientando o real do gozo, agora a família se organiza em função do gozo. Para as autoras, “A família assume o lugar de uma igualdade

formal, sem princípio de garantia, sem hierarquia ou autoridade. Além da horizontalidade do laço, há uma mudança na relação com o gozo” (Lima, Berni & Lisita, 2019, s/p).

É importante pontuar que, se há um uso excessivo dos dispositivos digitais pelos adolescentes, eles não são os únicos acometidos por esse excesso; pelo contrário, a geração que lhes antecede também está submetida a esse uso, e com uma particularidade: são de uma outra época, sendo, portanto, “estrangeiros digitais”. Akimoto (2021) nos alerta sobre o impasse na transmissão geracional que está em questão no sofrimento dos adolescentes. Nesse sentido, os pais dos adolescentes de hoje são “Imigrantes digitais, pais que, no curso de suas vidas, já adultos, se viram arrancados de seu terreno simbólico, expulsos para a nova terra e suas promessas de uma nova vida no admirável mundo novo da internet” (Akimoto, 2021, p. 101).

A inserção da tecnologia na vida dessa geração de pais promoveu um processo de desenraizamento com consequências para a transmissão geracional. A prevalência da tecnologia como mediadora das relações também entre pais e filhos, especialmente nas últimas décadas, com a popularização da internet e da tecnologia *multi-touch* e sob a influência do controle de algoritmo, traz, indubitavelmente, consequências para a experiência inconsciente.

Daniel Roy (2009) aponta que, agora, além da autoridade paterna, outras exigências se impõem sobre nossos jovens: são as exigências de gozo, que se apresentam sob a forma de promessas ofertadas pelo discurso científico. Diante da decepção inevitável com a promessa do discurso paterno, os adolescentes ficam à mercê dessas promessas de gozo, seja impulsionados ao consumismo ilimitado, quando o sujeito é capturado pelos objetos de consumo, seja como objetos de consumo de um “Outro obscuro e ávido”⁴ (Roy, 2009, p. 54), tendo seu sintoma etiquetado e tornando-se, eles próprios, produtos a serem consumidos.

Roy continua dizendo que a promessa de um discurso é também a promessa de uma organização do gozo, mas a promessa do discurso capitalista é, ao contrário, uma promessa de gozo. Esse empuxo ao consumismo oferece um gozo ilimitado, de modo que o discurso capitalista não organiza nada, mas derrama sobre o sujeito uma exigência de gozo na qual é difícil não se afogar.

Lacadée (2009) nos lembra que é o adulto que introduz a criança no mundo. Para que a criança se desenvolva plenamente, é necessário que os adultos sejam responsáveis, e isso significa estar ciente da novidade que são a criança na casa e o adolescente na cidade. O discurso que se estabelece em torno do corpo da criança – ou seja, a casa, a língua, a cultura, a escola, tudo isso que ela não escolhe, mas que lhe é imposto – é determinante em sua educação. Mas os adultos de hoje não se responsabilizam pelo que oferecem às crianças. Os adultos precisam, assevera Lacadée, reencontrar o desejo de transmitir às crianças isso que preexiste a elas, pois o sujeito, nos dias de hoje, “é, mais do que nunca, condenado a decifrar sua história sem o apoio simbólico que lhe permite colocar seu destino em perspectiva” (Lacadée, 2009, p. 41)⁵.

O mundo que se apresenta hoje para os adolescentes não tem a capacidade de os unir em torno de um “pedestal simbólico comum” (Lacadée, 2009, p. 42)⁶. A dimensão simbólica se apresenta

muito frágil em nossa sociedade e o saber a ser transmitido não se encontra mais no mesmo lugar. Os adolescentes buscam um saber imediato que responda à sua busca de identidade. Eles são capazes de assimilar o saber escolar, mas seus verdadeiros polos de identificação acontecem lá fora, na “verdadeira vida”, completa Lacadée (2013).

Maria Rita Kehl (2009) nos lembra que, em sociedade, a lei é sempre simbólica. No entanto, a transmissão da lei depende de uma certa consistência imaginária e passa pelo que a autora chama de “versões imaginárias do Outro” (s/p). Essas versões imaginárias do Outro são os lugares que ele ocupa na vida social enquanto figuras de autoridade, ou seja, lugares que emitem enunciados capazes de simular respostas ao enigma sobre o desejo do Outro, lançando, através dessa busca, o sujeito no laço social. O Outro tem, então, uma vertente simbólica, “do campo (aberto) da linguagem”, e outra imaginária, “ancorada em personagens” (Kehl, 2009, s/p), que seriam as figuras de autoridade, inicialmente aqueles responsáveis pelo cuidado, que Kehl chama, em referência a Freud de “seres de amor” (s/p), e que vão, ao longo da vida, sendo substituídos – pelos professores, por exemplo. Essas figuras de autoridade – vertente imaginária – funcionam como porta-vozes dos significantes mestres que organizam o laço social.

Kehl aponta que, se a vertente simbólica do Outro está cada vez mais débil, sua vertente imaginária se apresenta tão consistente quanto na Idade Média. E a demanda imperativa desse Outro medieval é a de que o sujeito goze. Os valores da eficiência econômica estendem-se a todos os âmbitos da vida, chegando a colonizar o inconsciente. Essa sociedade governada pelo vale-tudo do mercado é ingovernável e produz uma descrença generalizada na potência imaginária do homem. Acima das trocas humanas produtoras de riqueza, uma nova forma abstrata de poder, chamada mercado financeiro, regula a vida social.

Esse imperativo de gozo que vem do Outro é impossível de ser realizado e lança o sujeito a um apagamento subjetivo, uma vez que o sujeito, a cada demanda de gozo do Outro, abre mão de sua posição desejante para gozar como se deve. Um “lugar junto ao Outro”, ou seja, um lugar de reconhecimento, já não se alcança por via do trabalho, do talento ou da perseverança, mas em quanto e em como se goza, pois a lógica do mercado “curto-circuitou a dimensão dos meios para ir direto aos fins, ao fim” (Kehl, 2009, s/p). Há, para Kehl (2009), uma prevalência da dimensão imaginária do Outro que, ao mesmo tempo, oferta e demanda gozo, produzindo sujeitos “expropriados da experiência do inconsciente e do desejo” (Kehl, 2009, s/p).

Ainda que, como nos diz Laurent, haja um “excesso-de-presença do Outro da civilização Una e digital” (2022, para. 2), manifesto na intrusão dos diversos recursos digitais, como WhatsApp e redes sociais, o Outro, em sua dimensão simbólica, aparece rarefeito. Nesse sentido, o movimento dos adolescentes nas redes, de site em site, de clique em clique, pode indicar não uma recusa do Outro, mas uma tentativa de lhe dar consistência. Essa busca é sempre frustrada e esse “excesso-de-presença” só faz revelar de novo e de novo que o Outro é – e cada vez mais – inconsistente.

O Outro, então, que é muito mais do que os referenciais familiares, mas a dimensão simbólica, isso que Lacadée chama de pedestal simbólico, o discurso que organiza toda uma sociedade, mesmo que seja inconsistente e tenha sua inconsistência desvelada na adolescência, agora aparece muito mais frágil e ineficiente em sua função de organização e contenção de gozo. O objeto, que é desde sempre perdido, devendo, assim, sempre ser encontrado, lançando o sujeito ao enigma necessário para a construção de um saber, agora se apresenta envernizado pelo consumismo exagerado, funcionando mais como imperativo de gozo do que como causa de desejo. E o saber, que é nada menos do que o próprio inconsciente, que vem do campo do Outro, da estrutura de linguagem, sendo capaz de se interpor como limite à pulsão de morte e de fazer laço, agora está no bolso, é autoerótico e tem sua prevalência não como perda, mas como meio de gozo.

O que vemos, tanto nas conversações quanto nos atendimentos individuais, são jovens que, diante da brutalidade com a qual a inexistência do Outro é revelada nos dias de hoje, do abandono vivido na relação com os pais, da incapacidade da escola em se oferecer como referencial simbólico e da submissão aos objetos de consumo que se apresentam como objetos mais-de-gozar, se viram como podem. Eles trazem a fumaça esparsa que é o Outro pós-moderno na tentativa de apreender alguma solidez, mas mais se intoxicam do que respiram. Eles mergulham no mundo do consumo na esperança de encontrar algum objeto que tampone o vazio, mas a cenoura está sempre um clique à frente do nariz. Eles aprendem as *trends* do *TikTok* em busca de um lugar para alojamento simbólico, mas *trend* não faz enigma. Se a atualização da separação que se dá na adolescência é uma operação em direção ao saber como enigma, como operar quando o saber não passa de meio de gozo?

O aumento dos sintomas ditos contemporâneos, sobretudo na adolescência, aponta para as consequências da mudança no discurso que organiza os laços sociais da sociedade. A perda de gozo necessária para inserir o sujeito no laço social é, a todo tempo, suplantada por uma oferta imperativa de gozo. A violência, a segregação, as adições (químicas ou virtuais), os transtornos alimentares, a autolesão, enfim, todos esses sintomas nos quais o corpo se oferece quando não há gozo a perder se apresentam como resposta ou resultado dessa nova ordem simbólica, e a adolescência, por sua vez, se oferece como tela sobre a qual esses elementos são colados na construção de uma nova ordem que só faz concretizar a adolescência como sintoma social.

Uma aposta na palavra

Em seu livro *Comment taire le sujet? Des discours aux parlottes liberales*, Lesourd (2006) traz para a discussão acerca do lugar da palavra na cultura digital o termo *parlotte*, que poderia ser traduzido como "palavrório" ou "falatório". Os palavrórios seriam uma espécie de derivação do discurso capitalista ou uma produção dele que não se estrutura como um discurso – levando-se em conta que o discurso capitalista também deve ser considerado como um pseudodiscurso – e não é capaz de engajar o sujeito no "ato da palavra", mas permite uma troca sem subjetivação entre os indivíduos.

Lesourd (2006) retoma a constituição do sujeito lembrando que o desejo do Outro se coloca como enigma para o sujeito e que é o fato de essa pergunta permanecer sem resposta que configura a castração. A falta fundamental, que nunca será preenchida, é o que impede que o gozo seja absoluto e é, também, o que insere o sujeito no laço social. A essência do palavrório estaria na promessa de acesso ao objeto e de extinção da impossibilidade inerente ao discurso. Um exemplo seria a promessa de felicidade que prega o discurso médico e que é capaz de engajar o sujeito, a cada momento, a uma nova droga ou tratamento, sem promover nenhuma reflexão. Na base desse movimento está a queixa, mas esta não é uma queixa que diz respeito à incompletude, à falta estrutural, mas, pelo contrário, é uma demanda de sutura. Ele constata que uma demanda frequente nos consultórios de psicologia é dessa natureza: o sujeito vai em busca de uma resposta, de uma nomeação para seu sofrimento, sem se fazer nenhuma pergunta.

As redes sociais também podem se prestar a isso quando engajam os sujeitos, seja numa mostra de si infinita, seja numa busca por algo que não constitui nenhuma demanda, mas apenas mobiliza o sujeito numa falação, dando a ilusão de que existe algo a ser alcançado. O palavrório é, então “uma forma particular de discurso, no qual o sujeito fala para não dizer nada. O conteúdo de sua palavra não tem importância, o que conta é que o próprio fato de falar faz o sujeito existir, primeiramente para ele próprio, num movimento narcísico, em seguida, para o outro, que escuta seu blábláblá” (Lesourd, 2007, para. 4). Dessa forma, esse palavrório não diz nada, mas sustenta uma possibilidade de gozo.

Nesse sentido, ressaltamos a importância de se criar espaços para a palavra, especialmente nas instituições que acolhem os adolescentes. Em nosso trabalho em escolas, sempre escutamos dos participantes que a experiência da conversação é “diferente de outras conversas”, que “dá vontade de falar das nossas coisas”, que se sentem “escutados de verdade”. Como aponta Lesourd sobre o palavrório, enquanto a palavra parece se apresentar cada vez mais como troca sem nenhuma subjetivação, um blá-blá-blá uníssono que não faz laço, a conversação parece incluir a dimensão subjetiva. Essa diferença é percebida pelos próprios participantes, como conclui um adolescente: “É porque aqui a gente tem um papo, assim, que não é aquele papo ‘na na na na na na’. É um papo que cada um dá sua opinião, tipo falar mesmo”.

Diante disso, tomamos a conversação como um dispositivo que pode contribuir para levantar o sujeito do nocaute subjetivo em que se encontra, desse adormecimento psíquico que faz com que a dimensão do ato se sobreponha à dimensão da palavra. Assim, a oferta da palavra se apresenta como possibilidade de construção de um novo saber pelo próprio sujeito. Ainda que o contexto atual - o discurso capitalista e sua aliança com as tecnologias digitais - promova esse efeito de anestesia subjetiva, o inconsciente é vivo e a possibilidade de falar é um convite para que o sujeito se ponha a construir um novo saber sobre si. Esse novo saber é o próprio despertar do inconsciente, isso que faz com que os sujeitos possam se escutar e se surpreender com o que falam. A conversação, então, pode

contribuir para que a dimensão enigmática e desejante do sujeito venha à tona, lançando o sujeito em direção ao Outro.

Notas:

1. Trabalho baseado na tese *Adormecimento psíquico e despertar do inconsciente: A conversa com adolescentes na cultura digital* (2023), orientada pela Profa. Dra. Nádia Laguárdia de Lima e defendida na Universidade Federal de Minas Gerais.
2. As conversações aconteciam vinculadas ao projeto de extensão *Conversa na escola: adolescentes e redes sociais*, promovido pelo Laboratório Além da Tela: psicanálise e cultura digital da Universidade Federal de Minas Gerais.
3. Todos os nomes de adolescentes mencionados nesse artigo são fictícios.
4. Tradução nossa. No original: "Autre obscur et avide".
5. Tradução nossa. No original: "Le sujet de la modernité est peut-être, plus qu'autrefois, condamné à déchiffrer lui-même son histoire et sans l'appui symbolique lui permettant de mettre son destin en perspective.".
6. Tradução nossa. No original: "Le socle symbolique commun".

Referências Bibliográficas

- Akimoto, C. (2021). O lugar do sujeito na arquitetura digital. In L. Goldberg & C. Akimoto. *O sujeito na era digital: Ensaio sobre psicanálise, pandemia e história* (pp. 73-103). São Paulo: Edições 70.
- Costa-Moura, F. & Costa-Moura, R. (2011). Objeto A: ética e estrutura. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 14(2), 225–242. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982011000200005>.
- Freud, S. (1989a). Projeto para uma psicologia científica. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 387-529). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1989b). A interpretação dos sonhos. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vols. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1989c). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: transformações da puberdade. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 195-239). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1989d). O romance familiar dos neuróticos. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 241-250). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909).

- Freud, S. (1989e). Cinco lições de psicanálise. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 3-51). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1989f). Breves escritos: contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 215-218). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1989g). Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 281-288). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo. (Ebook)
- Lacadée, P. (2003). *Le malentendu de l'enfant: Des enseignements psychanalytiques de la Clinique avec les enfants*. Rio de Janeiro: Editions Payot.
- Lacadée, P. (2009). Si les adolescentes sont notre avenir, alors quelle transmission ? *Mental*, 23, 41-45.
- Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Lacadée, P. (2013). *La vraie vie à l'école: La psychanalyse à la rencontre des professeures et de l'école*. Editions Michèle.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (2003a). Nota sobre a criança. In *Outros escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969).
- Lacan, J. (2003b). O aturdido. In *Outros escritos* (pp. 448-497). Jorge Zahar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972).
- Lacan, J. (2003c). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In *Outros escritos* (pp. 555-556). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973).
- Lacan, J. (2003d). Prefácio a 'O despertar da primavera'. In *Outros escritos* (pp. 557-559). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959).

- Laurent, É. (2022). Gozar da internet. *Derivas analíticas*, 17. Recuperado de <http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/gozar-internet>
- Lesourd, S. (2004). *A construção adolescente no laço social*. (L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Vozes Editora.
- Lesourd, S. (2006). *Comment taire le sujet? Des discours aux parlottes liberales*. Toulouse: Humus, érès.
- Lesourd, S. (2007). A elisão do sujeito no "palavrório" tecnocientífico da medicina. *Epistemo-somática*, 4(2). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-20052007000200003
- Lima, N. L., Berni, J. T. & Lisita, H. G. (2019). Quem se ocupará das crianças? A solidão e os gadgets na família atual. *Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental*, 23. Recuperado de <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/quem-se-ocupa-das-criancas-a-solidao-e-os-gadgets-na-familia-atual>
- Nobre, M. R. (2020). *Derivas do saber na cultura digital: O sujeito do inconsciente entre algoritmos e matemas*. 2020. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais].
- Roy, D. (2009). Protection de l'adolescence. *Mental*, 23, 51-54.
- Stevens, A. (2004). Adolescência, sintoma da puberdade. Clínica do contemporâneo. *Revista Curinga*, 20, 27-39. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas.
- Tapias, J. A. P. (2006). *Internautas e naufragos: a busca do sentido na cultura digital*. São Paulo: Edições Loyola.

Citação/Citation: Berni, J. T., & Lima, N. L. de. (nov. 2023 a abr. 2024). Adormecimento psíquico e despertar do inconsciente na adolescência: uma aposta na palavra. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(37), 114-131. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2024v19n37p114-131.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 15/12/2023 / 12/15/2023.

Aceito/ Accepted: 19/02/2024 / 02/19/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.